

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

**A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID-CINE CLUBE PARA A FORMAÇÃO**  
**DOCENTE: O CASO DE UM COLÉGIO DE FORMAÇÃO DE**  
**PROFESSORAS(ES)**

**CARLOS EDUARDO FERREIRA DE OLIVEIRA JUNIOR**

**RIO DE JANEIRO**

**2017**

**Carlos Eduardo Ferreira de Oliveira Junior**

**Monografia apresentada como exigência final da disciplina  
de Monografia II do Curso de Pedagogia da  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE  
JANEIRO – UNIRIO.**

**Orientadora: Claudia Miranda**

Rio de Janeiro, 2017.

Rio de Janeiro

2017

**A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID-CINE CLUBE PARA A FORMAÇÃO  
DOCENTE: O CASO DE UM COLÉGIO DE FORMAÇÃO DE  
PROFESSORAS(ES)**

**Carlos Eduardo Ferreira de Oliveira Junior**

Avaliado por:

---

Data: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

## **DEDICATÓRIA**

A Deus por ter me dado saúde e força nesta caminhada, guiado meus passos e me permitir finalizar mais uma etapa da minha vida.

A minha família que sempre me apoiou muito e me deu carinho e afeto.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora Professora Dra. Claudia Miranda, pelo suporte que me deu, pelos momentos de dedicação e pelas suas correções e incentivos.

Aos meus professores que compartilharam comigo um pouco de seus saberes, os quais foram de extrema importância para minha formação profissional e como cidadão.

Aos governos Lula e Dilma que com a ampliação da política de ações afirmativas abriram as portas da Universidade para os alunos vindos da classe trabalhadora como eu, me dando oportunidade de estudar nessa maravilhosa Universidade.

Aos amigos da equipe PIBID que me ajudaram muito no meu percurso como integrante do mesmo. Nossos diálogos me fizeram refletir acerca da nossa prática e acontecimentos no colégio o que resultaram no presente trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de investigar como o projeto Cine Clube, pertencente ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-UNIRIO) contribui para a formação integral das alunas e alunos de um colégio de formação de professores localizado no Centro do município do Rio de Janeiro. O Cine Clube trabalha a educação numa abordagem cinematográfica, pois percebemos que o cinema se constitui como um poderoso meio de reflexão para os alunos e alunas. Fazemos sessões com os alunos e alunas e depois propomos uma roda de debate. Neste trabalho narrarei um pouco das dificuldades enfrentadas pelo Cine para conseguir trabalhar com os educandos e educandas. Falo de como os alunos e alunas são cobrados para manterem boas notas pois estudam num colégio que é referência no Rio de Janeiro. Exponho como o Cine se põe frente às questões: racial, ambiental, de gênero e das mulheres e como o cine desconstrói a violência simbólica presente na escola. Percebo que o projeto ocupa um importante espaço, negligenciado pelo colégio, o de proporcionar às alunas e alunos um espaço de discussão onde todos os saberes dialogam entre si. Vemos que ao estimular o aluno e aluna a dialogar, ouvir o outro e respeitar seu ponto de vista estamos contribuindo para uma formação mais global para esses educandos, uma formação que educa para a vida em sociedade.

**Palavras-chave:** CINEMA; FORMAÇÃO DOCENTE; SABERES DISCENTES; DESCOLONIZAÇÃO DO CURRÍCULO.

## **ABSTRACT**

The present work aims to investigate how the Cine Club project, belonging to the Institutional Program of Initiatives for Teaching (PIBID-UNIRIO) contributes to the integral formation of the students and students of a college of teacher training located in the Center of the municipality from Rio de Janeiro. The Cine Club works education in a cinematic approach, because we perceive that the cinema constitutes a powerful means of reflection for the students. We hold sessions with the students and then propose a discussion wheel. In this work I will tell you a little about the difficulties faced by the cinema in order to be able to work with students and students. I talk about how students are charged to keep good grades because they study at a college that is a reference in Rio de Janeiro. I expose how the cinema faces the issues of racial, environmental, gender and women, and how cinema deconstructs the symbolic violence present in school. I realize that the project occupies an important space, neglected by the college, to provide the students and students with a space for discussion where all the knowledge dialogues with each other. We see that by encouraging the student to talk, listen to the other and respect their point of view we are contributing to a more global formation for these students, a formation that educates for life in society.

Keywords: CINEMA; TEACHING TRAINING; DISCIPLINE KNOWLEDGE; DESCOLONIZATION OF THE CURRICULUM.

## **ÍNDICE DE SIGLAS**

**UNIRIO** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

**CAPES** – Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior

**PIBID** – Programa institucional de Bolsa de Iniciação a Docência

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	6
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>Capítulo 1 – As experiências na iniciação a docência</b> .....	12
1.1 – Cine Clube como espaço de formação .....	13
1.2 – Valorização das culturas escolares versus negação de saberes .....	19
<b>Capítulo 2 – Cine Clube e a decolonialidade</b> .....	22
2.1 – O projeto Cine Clube e as questões presentes na escola .....	23
2.1.1 – A questão racial .....	23
2.1.2 – A questão ambiental .....	24
2.1.3 – A questão de gênero .....	25
2.1.4 – A questão das mulheres .....	26
2.2 – Superação da violência simbólica na escola .....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	31
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	33

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a problematizar a inserção do projeto Cine Clube, pertencente ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-UNIRIO) ao qual integro, num Colégio de formação de professores no Centro do Rio de Janeiro, e como o referido projeto contribui para a formação integral dos alunos e alunas do colégio, que de agora em diante chamarei de Colégio do Centro, falarei também da experiência de estar dentro desse espaço escolar e da oportunidade de vivenciar as práticas curriculares exercidas no Colégio do Centro, e como ser um pesquisador que faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas – Como a educação intercultural impacta as políticas e as práticas curriculares no Brasil e na Colômbia: um estudo comparado sobre a participação dos movimentos pedagógicos e as perspectivas de gestores/as e etnoeducadores/as – coordenado pela Professora Doutora Cláudia Miranda, me faz perceber as relações de poder presentes na instituição escolar. Tomando como aporte teórico os pressupostos do Programa de Iniciação à Docência – CAPES e o Projeto Político-Pedagógico da Escola de Educação – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

O Cine Clube trabalha a educação numa abordagem cinematográfica, pois percebemos que o cinema se constitui como um poderoso meio de reflexão para os alunos e alunas. Temos muitos desafios dentro do colégio, fazemos a divulgação do nosso projeto para as turmas, seja indo de sala em sala para falar, principalmente com turmas de 1º ano, seja por cartazes espalhados pelos murais ou fazendo parcerias como por exemplo com a rádio da escola. Precisamos convencer os professores a nos ajudar, fazendo parcerias ou simplesmente cedendo um pouco do tempo de aula e sua turma para que ela participe do Cine. Quando um professor aceita é a hora de arranjar um espaço para a exibição das sessões, seja o auditório ou nos corredores da escola.

Escolhemos filmes que levem o aluno a pensar, refletir sobre temas diversificados. Nos dias das sessões temos que chegar mais cedo, preparar o espaço onde será feita a sessão, quando é feita num auditório e de costume darmos um lanche para as educandas e educandos, a pipoca. E após a sessão abrimos um diálogo com os alunos que quiseram ficar até o fim e que quiseram falar acerca do tema do filme. E aí

as falas dos alunos são diversas mas há sempre uma fala dos estudantes que é recorrente nas discussões: os temas que tratamos nas sessões do Cine Clube não são debatidas em sala de aula. Nós do Cine Clube, como já indiquei, procuramos temas que abordem de maneira crítica, problemáticas incluídas no guarda chuva da política nacional e internacional, as relações de gênero e as desigualdades diversas. Vejo que o projeto Cine Clube exerce um importante papel que o Colégio do Centro se abstém, o de proporcionar aos alunos e alunas um momento de reflexão crítica de diversos temas como relações de gênero, desigualdades raciais, os feminismos, as práticas da política partidária, processos de alienação das massas, corrupção, a violência policial entre tantos outros que a escola não discute. Isso se agrava ainda mais pois estamos falando de um colégio estadual de formação de professores de nível médio. O Colégio do Centro deveria focar em criar um ambiente escolar outro onde a pluralidade cultural é reconhecida.

Antes de tudo quero definir o que é uma educação integral. Esta educação tem o objetivo de formar o indivíduo de maneira holística se preocupando com o corpo, o social, a cognição, o afetivo, a moral, tudo num contexto histórico (GUARÁ, 2006). O educando é o foco desta educação, para o aprimoramento dele por completo. Uma educação que se importa com a estabilidade emocional dos alunos e alunas, importasse também em criar nele valores impescidíveis para a convivência democrática como, fraternidade, empatia e respeito a diferenças de gênero, raça e origem.

O conceito mais tradicional encontrado para a definição de educação integral é aquele que considera o sujeito em sua condição multidimensional, não apenas na sua dimensão cognitiva, como também na compreensão de um sujeito que é sujeito corpóreo, tem afetos e está inserido num contexto de relações. Isso vale dizer a compreensão de um sujeito que deve ser considerado em sua dimensão bio-psicossocial (GONÇALVES, 2006, p.130).

## Capítulo 1 – As experiências na iniciação a docência

Entrei no PIBID em Março de 2015. Durante esse tempo tive a experiência de vivenciar na pele o que um professor passa. Nos estágios eu não tenho a liberdade de ação que tenho no cine clube, neles fico apenas sentado junto com os alunos e alunas assistindo a atuação dos professores regentes, interfiro nas aulas quando o professor permite. Já no projeto eu tenho total liberdade de ação, eu e meu grupo escolhemos os vídeos, marcamos uma hora no auditório, quando não conseguimos o auditório pegamos nosso equipamento e passamos o vídeo no intervalo e temos a liberdade de falar com os professores para fazermos parcerias. Eu percebo que criamos um vínculo muito forte com todos os atores do colégio mas com alguns temos mais intimidade. Dois professores são parceiros do Cine e se disponibilizam a fazer sessões conosco sempre que podem, outros nos enxergam como uma mera distração para os alunos e alunas, não veem o cine como um outro parceiro no processo de aprendizagem dos educandos.

Dialogando com Miranda e Cavalcanti (2012) vejo que o Cine Clube é uma iniciativa que proporciona a troca cultural enriquecedora entre a universidade e a escola. Essa troca é muito rica para as alunas e alunos pois proporciona outras maneiras de perceber o mundo além da que a escola pode lhes oferecer. Assim temos uma possibilidade ímpar de criticar identidades consagradas pela escola não para menosprezar a escola, mas com o intuito de formar novas identidades com as alunas e alunos identidades essas que sem essa experiência com o Cine Clube elas não teriam chance de criar.

Passo a destacar alguns episódios vivenciados coletivamente com o grupo de bolsistas do qual faço parte. Tenho observado algumas situações que ocorrem dentro do colégio envolvendo diferentes atores. Um antigo inspetor que se aposentou já no começo do ano de 2016, não gostava que as/os estudantes corressem ou andassem rápido nos corredores ou mesmo falassem em um tom um pouco mais elevado. Ficava patrulhando os corredores a procura de alguém que *saiße da linha*. Como aluno que fui, sei quão difícil é dinamizar uma instituição escolar, fazê-la um espaço com sentidos para a sua comunidade. Nesse caso penso que essa já é bem privilegiada e vejo isso pelo jeito que as/os estudantes tratam o ambiente, valorizam e se identificam com muitos dos seus códigos.

O inspetor via a necessidade de *patrulhar a escola* e nesse jogo de xadrez com as/os jovens, o grupo escolar já sabia que ele estava vindo em direção ao corredor onde se localiza a sala das/os professoras/es – um lugar onde nossa presença é um fato comum e normal para seus gestores profissionais de diferentes áreas. Ao ouvirem os gritos do funcionário do apoio (o inspetor) nas escadas, nos diferentes locais era um acontecimento. Até nós do Cine Clube, éramos olhados de maneira diferenciada (com estranhamento) durante as atividades. No caso específico dos curtas que passamos nos intervalos, quando tocava o sinal, nós não podíamos ficar com as/os educandas/os um pouco mais, que ele já passava alertando aos gritos para que voltassem para a sala. Nesse episódio, parecia que tínhamos invadido o espaço alheio: o seu espaço.

### **1.1 – Cine Clube como espaço de formação**

Fizemos uma sessão chamada “Devagar escola” ela recebeu esse nome pois a sessão foi feita com um curta no qual um rapper João Paiva, canta no Fórum das Juventudes da Grande BH um rap com esse refrão, convidamos para essa sessão uma doutoranda em pedagogia libertária para contribuir no debate, ela tinha acabado de vir de uma ocupação de uma escola, no começo do debate a nossa supervisora no colégio, que é diretora adjunta, estava presente e pediu para que ao final da sessão todos formassem uma roda para conversarmos tinha uma menina que nessa hora não virou e ficou falando de costas para roda e só se virou quando a nossa supervisora saiu.

Todos estavam tímidos na presença da diretora adjunta, mas quando ela saiu à conversa fluiu. Ele falou na rima: *estuda muleque se não quiser ir pra vala*. Uma das alunas falou que: *Na minha casa meus pais falam que eu tenho que estudar muito pra ser alguém na vida e morar num lugar melhor e os outros alunos disseram que os pais falam o mesmo*. Falava que na favela ocorre muita violência e uma das alunas disse que: *eu moro na providência e lá rola muito tiro tem vezes que eu tenho medo de sair de casa*. A menina que não se virou falou que tem medo de andar em qualquer lugar, que tem medo de ficar no ponto e pegar um ônibus ao sair do colégio (dia 11 de abril de 2016).

Nessa sessão a convidada haviam acabado de vir de uma escola ocupada pelas alunas e alunos e ela no seu discurso falou dos benefícios de uma ocupação e como a vontade das alunas e alunos era levada em consideração numa escola ocupada.

A gestão do colégio ficou preocupada com uma adesão do alunado as ocupações que estavam acontecendo no Rio de Janeiro isso fez com que no dia 10 de maio de 2016 houvesse uma reunião no auditório com as alunas e alunos para falar sobre como seria prejudicial para eles se a escola fosse ocupada. A equipe gestora disse para eles que ficariam sem aulas e teriam que enfrentar a reposição durante as Olimpíadas, e ao fim a equipe gestora sugeriu uma votação perguntando quem é contra ou quem é a favor da ocupação. Os votos contra se sobrepuseram ao sim e a escola não foi ocupada no entanto, nenhum membro do projeto Cine Clube ficou sabendo dessa reunião e soubemos dela por terceiros. O interessante é que quando teve uma greve de professores de Março de 2016 a equipe gestora chegou a nós propor uma parceria na qual a própria equipe gestora nos emprestaria um filme para passarmos. Percebo que essa ocupação deveria ser discutida com todos os agentes que formam o colégio nós, os pais, a comunidade, deveria ter uma discussão séria e não essa votação regada a discursos terroristas, dizendo que a ocupação atrapalha o futuro delas e deles.

Outro ponto que percebo no Colégio do Centro é que grande parte das alunas e alunos acha boa a cobrança excessiva por bons desempenhos estudantis pois o Colégio do Centro é muito tradicional no Centro da cidade do Rio de Janeiro e muito conceituado na qual as alunas e alunos fazem um curso de formação de professores de nível médio com uma carga horária integral. As alunas e alunos estudam quatro bimestres sendo muito exigidos eu os vejo correndo entre os corredores do colégio para irem para as aulas e quando conversamos com elas e eles nas sessões admiram todo esse rigor da escola achando que só assim conseguiram ser “alguém na vida”. Acho que essa visão deturpada da realidade que a maioria das alunas e alunos possuem foi um dos fatores que motivou essa negativa a ocupação do colégio pois isso afetaria o desempenho estudantil desses jovens.

Outra sessão foi a “O grito” que foi pensada para problematizar o cenário político atual, com polarização política, discursos de ódio, pessoas rotulando umas às outras e criação de estereótipos. Pesquisamos imagens marcantes e com elas fizemos

slides e apresentamos. Colocamos também vídeos curtos, um com a votação do impeachment da presidente Dilma Rousseff na Câmara dos deputados e o outro um vídeo explicando o impeachment fazendo uma analogia com o futebol (este vídeo é se encontra no canal Um À Esquerda com narração de Juca Kfourri). uma professora de língua portuguesa cedeu o tempo de todas as suas turmas do período da tarde para assistirem a sessão, devemos isso a nossa supervisora que conseguiu convencê-la.

As turmas vinham de acordo com o término da aula dos outros professores, minha análise foi que com a primeira e a terceira turmas conseguimos dialogar bastante. No começo da conversa perguntamos a todos(as) os(as) estudantes como eles se identificavam, se de direita ou de esquerda, haviam estudantes que se identificavam sendo de direita e de esquerda, mas na segunda turma teve um estudante que se identificou como sendo fascista. Incentivamos eles sempre a pensarem como o radicalismo político está atrapalhando a vida social. Explicamos por que o impeachment é golpe, depois passamos o vídeo com a votação, uma menina da terceira turma falou que: *“aquilo parece um circo, todos falam que é por causa da mãe, dos filhos, do papagaio, mas não da presidente”*.

Na segunda turma houve uma discussão bastante agressiva de alguns que defendem que o impeachment não é golpe e que a saída da presidente não iria mudar a situação do país: *“pois todo mundo que chega ao poder se corrompe”*, teve uma estudante que falou: *“você vê a história de colocar o Lula como ministro ela tá defendendo o amigo que colocou ela lá”*. Nós falamos que isso era um atentado à democracia, pois isso é uma falta de respeito com a vontade popular e o governo que assumir iria acabar com todas as conquistas sociais como as políticas de ações afirmativas nas universidades públicas e privadas: as cotas. Ela falou: *“sou contra as cotas mesmo, a pessoa que quer passar tem que se esforçar, estudar bastante e passa”*. Depois disso ela se virou e ficou conversando com o grupo que estava com ela, não mais prestando a atenção na sessão (25 de maio de 2016).

No dia 06/02/2017, o primeiro dia de aula do ano fizemos uma sessão com o curta-metragem “Educação - transforme, curta, compartilhe” este vídeo foi produzido pelo projeto "Ambientalização Curricular: Exercitando a Transversalidade", da ESALQ, dentro do âmbito do Programa Pró-Ensino da USP. Concepção: Silvio Ferraz e Silvio

Marchini. Roteiro: Silvio Marchini. Ilustrações: Érico San Juan. Locução: Edu Oliveira. Direção: Paulo Heise. Realização: LZP produções. Fizemos esta sessão no auditório, tivemos a parceria do professor de Teatro e recebemos três turmas de primeiro ano.

A primeira turma só passamos o referido curta. Primeiro nos apresentamos e depois passamos o curta e pedimos para eles fazerem uma roda e após isso abrimos um debate sobre os temas que o curta toca. Primeira pedimos para que os educandos se apresentasse e falarem o porquê de estarem cursando o normal? Alguns alunos quiseram falar e disseram que estão no curso normal porque escolheram este curso mas receberam muita oposição dos pais, que dizem que o professor ganha mal e não é reconhecido. Os estudantes falaram pouco.

Logo depois recebemos a segunda turma e nos apresentamos e passamos o vídeo de apresentação do Cine Clube e o curta supracitado. E pedimos para eles fazerem uma roda. Depois nós pegamos algumas fotos que estão na internet feitas por alguns moradores do Leblon, estas fotos são de uma dupla de homens negros um está andando com um saco de bolas doce-de-leite e os moradores do Leblon estão chamando-os de ladrões e que aos vê-los a pessoa deve chamar a polícia mesmo se eles não estiverem fazendo nada porque para estas pessoas eles são ladrões.

Nós passamos as fotos e perguntamos aos alunos o que vocês acham que eles estão fazendo? Os alunos falaram que eles estava parecendo um vendedor de bola ou eles ia jogar bola ninguém falou que eles eram bandidos. Quando falamos este contexto pelo qual as fotos estão sendo vinculadas teve um aluno que falou “ *Bem que ele tem cara de bandido mesmo*”, uma aluna que falou “ *Ah hoje em dia não dá pra diferenciar quem é bandido e quem é trabalhador por exemplo um dia eu estava com meu pai num ônibus na Avenida Brasil e eu vi um homem vendendo bala no engarrafamento e de repente começou um arrastão e este homem largou as balas no chão e foi roubar junto com os cara do arrastão então até aquele momento ele era trabalhador mas depois não ele se aproveitou do arrastão pra ir roubar junto com os ladrões ele virou um ladrão*”. A aluna continuou “ *não porque a pessoa se aproveita porque as leis são muito frágeis e tem que endurecer as leis, tem que ter pena de morte*”.

Quando ela falou em pena de morte a turma quase toda concordou, uma outra menina falou “*tem que matar bandido que aí a criminalidade diminui*”. Então propomos que eles pesquisassem na internet quais países têm pena de morte e verificarem se essa

medida reduziu a criminalidade daquele país e falamos que no próximo encontro com eles passaríamos o filme “13º Ementa” e acabou o encontro. Logo depois veio o terceiro grupo, nos apresentamos e passamos o vídeo de apresentação do Cine Clube e o curta supracitado. Após isso nós pedimos para eles se apresentarem e fazerem uma roda e tinha muitos alunos de outros estados lá tinha uma menina que era do Ceará e quando ela falou que era do Ceará teve outra menina que disse “*Ah é paraíba*”, então retrucamos “*Não, não é paraíba é cearense. É assim que se chama uma pessoa que veio do Ceará*”. Perguntamos para eles qual é o tema que eles querem que seja tratado na próxima sessão? E todos ficaram calados mas a mesma menina que chamou a outra da paraíba disse “*preconceito*” e nos falamos que o que acabou de acontecer é um exemplo de preconceito.

Depois nós pegamos as fotos que alguns moradores do Leblon estavam divulgando e passamos para eles. Nós passamos as fotos e perguntamos aos estudantes o que vocês acham que eles estão fazendo? Os alunos e alunas assim como a outra turma falaram que eles aparentavam ser vendedores de bolas ou ia jogar bola ninguém falou que eles eram bandidos. Não conseguimos dar prosseguimento às atividades com as referidas turmas por conta da indisponibilidade do professor.

No dia 9 de Abril de 2015 fizemos uma sessão com o filme “O Lórax: em busca da trífula perdida” em consonância com o Projeto Político-pedagógico do Colégio do Centro cujo tema é “Meio Ambiente: reflexo do que somos” o Cine Clube apresentou este filme que é uma animação lançada em 2012 com direção de: Chris Renaud e Kyle Balda, e crítica de forma bem humorada o consumismo e o capitalista expondo suas consequências. De forma divertido a história leva o expectador a refletir e questionar a forma como nos relacionamos com o meio ambiente. Depois de exhibir o longa fizemos uma roda e propomos uma discussão a cerca do tema do filme me chamou a atenção a fala de uma aluna que falou que ela participava de ações com a associação de moradores da comunidade onde ela morava que eles fiscalizavam o desperdício de água dos moradores, vendo se tinha “gato d’água” ou seja, ligações clandestinas de água na comunidade vendo também canos furados. Foi interessante ver a preocupação dela com relação ao consumo consciente de água.

No dia 3 de Novembro de 2015 Fizemos uma sessão com o clipe de uma música chamada HollySiz da banda The Light. Esse clipe mostra um menino que se sente mais

confortável se vestindo de menina e brincando com brinquedos de menina. Nessa sessão fizemos uma parceria com um professor de História e ele trouxe consigo suas estagiárias ao término do curta perguntamos o que eles acharam e uma garota que estava sentada mais próxima da gente disse que : *isso é super normal se os pais deixam ele sair vestido de menina pode deixar sim e as outras que estavam perto dela concordaram.* Mas o professor de História falou: *Ei vocês aí de trás, os dois únicos homens da sala, estão estudando para serem professores correto? O que vocês fariam se um de seus alunos fosse para a aula vestido de menina?* E um deles respondeu: *Eu mando tirar essa roupa porque essa roupa não é roupa de homem.* E depois disso todos os estudantes que estavam na sala bateram palmas para ele. Até mesmo aquela menina que achou super-normal o menino se vestir de menina. O professor o repreendeu: Se os pais permitem ele se vestir de menina você não pode critica-lo por isso, e com uma atitude como essa você pode responder criminalmente por isso. Depois a turma ficou um pouco retraída, não querendo falar mais e encerramos a sessão.

No dia 24 de maio de 2016 passamos um curta cujo nome é “Logorama” no intervalo do Colégio do Centro. O curta se passa numa cidade onde as pessoas e lugares são logomarcas de diversas empresas. Os educandos reconheciam quase todas as logomarcas que apareciam no decorrer do curta. Isso trouxe a discussão no meio do corredor do Colégio do Centro do quanto essas empresas com suas logomarcas estão presentes na nossa vida, pois as consumimos constantemente. Eles gostaram tanto que pediram para passarmos de novo o curta e o rerepresentamos no dia 9 de setembro de 2016 e essa rerepresentação trouxe toda essa discussão à tona.

Com isso quero problematizar o fato de que o colégio tem exercido um currículo colonial que não abraça as diferenças, mas tenta silenciá-las. O Colégio do Centro possui alguns poucos projetos que são feitos por professores como uma iniciativa individual, não são iniciativas do colégio. Essa prática se parece muito com a abordagem multicultural assimilacionista proposta por Vera Candau:

A abordagem assimilacionista parte da afirmação de que vivemos numa sociedade multicultural, no sentido descritivo. Nessa sociedade multicultural todos não têm as mesmas oportunidades; não existe igualdade de oportunidades. Há grupos, como os indígenas, negros, homossexuais, pessoas oriundas de determinadas regiões geográficas do próprio país ou de outros países e de classes populares e/ou com baixos níveis de escolarização, que não têm o mesmo acesso a determinados

serviços, bens, direitos fundamentais que têm outros grupos sociais, em geral, de classe média ou alta, brancos e com altos níveis de escolarização. Uma política assimilacionista – perspectiva prescritiva – favorece que todos se integrem na sociedade e sejam incorporados à cultura hegemônica. No entanto, não se mexe na matriz da sociedade, procura-se assimilar os grupos marginalizados e discriminados aos valores, mentalidades, conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica. No caso da educação, promove-se uma política de universalização da escolarização, todos são chamados a participar do sistema escolar, mas sem que se coloque em questão o caráter monocultural presente na sua dinâmica, tanto no que se refere aos conteúdos do currículo quanto às relações entre os diferentes atores, às estratégias utilizadas nas salas de aula, aos valores privilegiados etc (CANDAUI, 2008, p.50).

Pois se aceita que homossexuais, afrodescendentes, mulheres, e outras pessoas representantes das classes minoritárias estudem no Colégio do Centro, mas suas culturas não são levadas em conta no momento da obtenção dos conhecimentos e na forma de avaliação, se legitima os conhecimentos valorizados historicamente pela sociedade.

(...) não há nada, numa concepção emancipadora da educação contra a importância das informações e conhecimentos. Mas eles não bastam: a cultura é mais que informações, e a educação é a apropriação da cultura, não de uma de suas partes (PARO, 2007, p. 46).

## **1.2 – Valorização das culturas escolares versus negação de saberes**

Podesse perceber que com a negação dos saberes discentes, esses educandos somente estudam “para passar na prova”, e não para se aprimorarem. Eu observo como as educandas e educandos são exigidos pelo Colégio do Centro, pelos(as) próprios educandos(as) e pelo seus pais para atenderem às expectativas do Colégio do Centro, ou seja, não estudam para o seu próprio aprimoramento como pessoa humana estudam só para “atingirem a média” isso porque o Colégio do Centro é bem situado e com várias fundações da iniciativa privada atuando nela. Isso condiz muito bem com o conceito de educação bancária proposto por Freire:

[...] a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção ‘bancária’ da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 1975, p.66).

O ano letivo é repartido em 4 Bimestres e as educandas e educandos ficam 3 anos no Colégio do Centro e nesse tempo são provados constantemente com provas, testes, trabalhos estão sempre sendo cobrados. Sem contar que há a cobrança para ter uma boa colocação nas avaliações externas. O colégio necessita estar mais focado em dialogar com os saberes discentes e não cobrá-los dessa maneira. Como diz José Marín (2010), é preciso que haja diálogo entre as diferentes culturas presentes no ambiente escolar, *“um diálogo que nos permita construir um encontro benéfico entre culturas, onde uns aprendem com outros”* (p. 323). Mas para que se construa um currículo intercultural é preciso *“sair das próprias certezas e das verdades construídas a partir do pensamento hegemônico”* (AZIBEIRO; FLEURI, 2010, p. 286). É assim que o cine clube trabalha aproximando a Universidade e o Colégio, e trocando saberes com todos.

Tomarem como referencial teórico as obras de Paulo Freire, pois Freire expõe com maestria nas suas obras que o educador tem um papel de proporcionar uma educação que empodere o educando de tal forma que ele se torne um sujeito autônomo, e tenha consciência da sua responsabilidade social e política. Ele fala que o saber é democrático e se constitui como uma construção feita pelo professor e o estudante, o saber portanto é uma conquista de todos.

Freire nos mostra que o professor deve romper com as formas autoritárias de educação e investir em uma pedagogia do diálogo, a qual o próprio Freire comprova sua eficácia com os círculos de cultura, colocando-se como um coordenador, um mediador entre o objeto do conhecimento e os estudantes. Freire salienta que o educador deve favorecer uma visão crítica do mundo mostrando que o processo de emancipação da classe trabalhadora é um processo de luta para fazer valer os seus direitos, que a democracia atual não foi uma dádiva das elites e não deixar os estudantes pensarem que a nossa democracia é a única democracia possível, na qual o povo deve aceitar. O Estado e as palavras são construções humanas que podem muito bem ser desconstruídas e reconstruídas. E a conscientização que Paulo Freire fala para a escola formar no aluno é dá-lo conhecimento disso.

Dialogando também com Vera Candau a qual fala que uma educação voltada para os direitos humanos é fundamental para a sociedade de hoje que se mostra refém

da globalização neoliberal, fala para se alcançar uma até a forma como pensamos em direitos humanos está impregnada da nossa visão eurocêntrica de mundo.

O desenvolvimento de uma educação intercultural na perspectiva apresentada neste texto é uma questão complexa, atravessada por tensões e desafios. Exige problematizar diferentes elementos do modo como hoje, em geral, concebemos nossas práticas educativas e sociais. As relações entre direitos humanos, diferenças culturais e educação colocam-nos no horizonte da afirmação da dignidade humana num mundo que parece não ter mais essa convicção como referência radical. Nesse sentido, trata-se de afirmar uma perspectiva alternativa e contra-hegemônica de construção social, política e educacional. (CANDAU, 2008, p.10).

Para a construção de uma educação intercultural se faz necessário à desconstrução de estereótipos preconceituosos, discutir e superar o eurocentrismo dentro da escola, reconhecendo os diferentes conhecimentos, costumes, hábitos, valores que os educandos trazem consigo, fortalecendo esses diferentes saberes dos educandos através do diálogo em sala de aula desses diferentes saberes que atravessam o espaço escolar, os educandos devem ter experiências diversas de maneiras outras de se situar no mundo para relativizar seu próprio modo de estar no mundo para desfazer a ideia de que só existe um jeito de viver. Para a superação disso Candau fala na criação de uma educação intercultural que reconheça o outro, que dialogue com os diferentes grupos socioculturais, uma educação que promova a negociação cultural, que promova a edificação de uma sociedade democrática, plural e humana.

## Capítulo 2 – Cine Clube e a decolonialidade

A escola foi concebida no Brasil para ser uma instituição colonial, que reproduz os valores, hábitos e significações coloniais. E infelizmente ainda hoje continua sendo, reconhecendo essa realidade o(a) educador(a) comprometido(a) com a democracia deve proporcionar a seus alunos e alunas uma educação crítica que leve o aluno a refletir sua existência no mundo. Apesar da diversidade epistemológica existente, a escola insiste em trabalhar somente o conhecimento europeu. Essa concepção etnocêntrica da escola é resultado do processo de colonização que o Brasil sofreu.

Os primeiros a fundarem escolas no Brasil foram os Jesuítas. A escola jesuíta era uma das mais importantes instituições para a manutenção do poder colonial. E sem respeitar a religião e os costumes dos colonizados os impôs a religião cristã católica europeia e não somente a religião tinha como propósito civilizar os alunos baseando-se nos padrões social e cultural dos países europeus segundo Shigunov Neto e Bomura Maciel (2008, p.174). Ele tinha a finalidade de formar um súdito dócil e obediente, que reconhecesse o que vem do norte como sinônimo de valor seja sua ciência, arte, música ou religião. Na contemporaneidade a escola não mudou muito, ela cria uma hierarquização entre as diversas culturas existentes tomando a cultura branca e colonial o parâmetro para avaliá-las, ou seja, a cultura branca e colonial é o padrão pela qual as culturas são medidas como tendo valor ou não. Pois as culturas que se aproximam mais do padrão colonial são mais valorizadas que as não próximas ao padrão branco. Sendo assim como poderemos criar uma escola voltada para a diversidade e a descolonização das práticas e do currículo?

Ainda nos falta avançar muito para compreendermos que o fato de sermos diferentes uns dos outros é o que mais nos aproxima e o que nos torna mais iguais. Sendo assim, a prática pedagógica deve considerar a diversidade de classe, sexo, idade, raça, cultura, crença etc. , presentes na vida da escola e pensar (e repensar) o currículo e os conteúdos escolares a partir dessa realidade tão diversa (GOMES, 2001, p.87).

Para que haja a quebra desse ciclo colonial e o surgimento de uma escola intercultural, cada agente da escola deve trabalhar para que a ela se torne um espaço voltado para a pluralidade, implementando uma pedagogia que se contrapõe há um currículo eurocêntrico e abraçar a diversidade cultural. Significa ter por preferência os

conhecimentos das múltiplas populações presentes dentro da escola, dialogando entre si com o conhecimento socialmente valorizado, para que os educandos se vejam nos conteúdos trabalhados e criem assim uma sensação de pertencimento com relação ao ambiente escolar.

## **2.1 – O projeto Cine Clube e as questões presentes na escola**

Uma pedagogia decolonial leva em consideração no seu fazer pedagógico que a escola não é a única instituição na qual os(as) educandos(as) aprendem existem outros espaços como a família, instituição religiosa, comunidade onde os atendidos pela escola vivem também são responsáveis pela formação intelectual do aprendiz. É preciso conceber a escola como um lugar onde o educando obterá valores e atitudes que serão de suma importância para o exercício pleno da cidadania pois a escola tem um importante papel de socialização dos indivíduos. Cabe nesse sentido, à escola problematizar as questões referentes às relações sociais e denunciar as opressões vivenciadas pelos(as) educandos(as) que nem eles e elas mesmos(as) conseguem identificar. Esse é o papel da escola: o de conscientizar os educandos e educandas e dar-lhes condições de ler o mundo de uma forma crítica. Nesse sentido que o cine clube trabalha.

### **2.1.1 – A questão racial**

A escola deve ensinar suas educandas e educandos a valorizar a diferença e aprender a conviver com ela pois vivemos num mundo cada vez mais global, para isso é preciso um currículo outro na escola que abrace a diversidade, que subverta as práticas colonialistas de hierarquização das pessoas. Outro ponto de muita relevância é a questão do mito da democracia racial brasileira, por conta dele a discussão sobre o racismo é deixada de lado em nome de uma “convivência pacífica” entre as três grandes raças: branca, negra e indígena.

A escola é apontada como ambiente indiferente à particularidade cultural da criança negra, ao transmitir acriticamente conteúdos que folclorizam a produção cultural da população negra, valorizando uma homogeneidade construída a partir de um mito de igualdade racial (RODRIGUES, 2006, p.106).

Isso é uma mentira que não deixa o racismo ser combatido da forma que deveria. A pedagogia decolonial proporciona um currículo mais horizontal propício a práticas contra-hegemônicas que incita a escuta das vozes dos grupos subalternizados de tal forma que eles são chamados a participar da construção do currículo escolar e todos os saberes partilhados pela comunidade escolar são inseridos nesse currículo.

O desafio que se coloca para educadores/as em contextos multiculturais como é o caso do Brasil, inclui a análise da utilização de recursos antes desprezados como, por exemplo, a própria cidade onde se vive: um espaço educativo privilegiado. As histórias locais passam a subsidiar metodologias consideradas indispensáveis para uma transposição didática pautada na desfolclorização de espaços e de grupos que dele fazem parte (MIRANDA, 2010, p.4).

Em outras palavras todos os agentes formadores da escola contribuem com seus conhecimentos para a formação do currículo, afirmando os diferentes saberes presentes nessa instituição, assim a escola se torna um espaço de justiça curricular e igualdade social. onde todos possuem o espaço de fala e suas vozes são levadas a sério em todas as decisões escolares, com isso as educandas e educandos exercem plenamente sua cidadania.

### **2.1.2 – A questão ambiental**

Nós do Cine Clube tentamos com nossas sessões formar cidadãos que reflitam sobre os problemas sociais e agem sabendo que o exercício da cidadania requer a conscientização por parte da pessoa, que ela é possuidora de direitos e deveres portanto é um sujeito ativo na transformação da sociedade. Tentamos nos nossos debates conscientizar os alunos acerca da grave crise ambiental que vivemos hoje no mundo. É preciso criar no aluno a ideia de que ele não tem que jogar somente no governo a responsabilidade de preservar o meio ambiente mas cada um deve fazer sua parte para preservá-lo.

Tentamos fazer com que o aluno entenda que o modo de desenvolvimento da nossa sociedade essencialmente capitalista leva a cabo é extremamente danoso ao planeta e que é preciso que nossa sociedade seja transformada de modo a aprimorar os modos de produção superando os atuais e assumindo outros mais sociais, humanistas e principalmente sustentáveis. É indispensável mudanças tecnológicas, econômicas, políticas e principalmente éticas para atingirmos um futuro sustentável. Parar essa

lógica predatória do sistema capitalista vigente. Achando novas formas de avanço civilizacional sem comprometer o nosso planeta, pois só assim superaremos a crise que o próprio ser humano criou através da racionalidade ocidental que coloca o ser humano como um ser separado da natureza, se colocando superior a ela.

A crise ambiental é, portanto, uma crise política da razão, que não encontra significações dentro do esquema de representações científicas existentes para o reconhecimento da natureza social do mundo, que foi histórica, técnica e civilizatoriamente produzida (TASSARA, 2009, p. 227).

Uma escola comprometida com o meio ambiente ensina seus educandos a cobrar as fábricas que façam embalagens que possam ser recicladas ou recicladas mais facilmente. Cobrar que elas desenvolvam processos industriais que não poluam o ar com gás carbônico, metano e outros gases do efeito estufa e não despejar poluentes nos nossos rios, lagoas e no mar. Cobrar o uso exponencial e o desenvolvimento de geradores de energia limpa por parte dos nossos governantes e até mesmo mandar email, fazer passeatas enfim diferentes formas de reivindicações. A mudança de um estilo de desenvolvimento destrutivo para um estilo de desenvolvimento sustentável passa por uma mudança de consciência na qual o Cine Clube tem participação através da informação e crítica ao estabelecido.

Nas sessões fazemos críticas a cultura do consumismo que prejudica o meio ambiente gerando muito lixo o que causa um problema com o descarte correto desse lixo. E quando o povo não possui informações acerca do descarte correto, ou não tem locais apropriados para esse descarte, este lixo se acumula e contamina o solo, a água e ar. O crescimento de um país deve ser orientado na qualidade de vida da sua população e não na obtenção de riqueza a qualquer custo assim as pessoas e o meio ambiente se deterioram.

### **2.1.3 – A questão de gênero**

Percebo que a escola brasileira debate pouco os temas LGBT's ela não acompanha a revolução sexual que acontece fora dela e continua em sua maioria a negar essa transformação no seu currículo e a disseminar o preconceito em atitudes como: não mostrar ou mostrar pouco a contribuição das pessoas homossexuais, travestis e

transsexuais nas ciências sociais e principalmente exatas; não chamar para dentro da escola os conhecimentos e saberes das pessoas transsexuais e uni-los aos saberes e conhecimentos valorizados pela academia tratando-os assim como iguais; não permitindo que pessoas homossexuais expressem sua sexualidade dentro do ambiente escolar, sendo mais tolerante com demonstrações de afeto hetero do que homossexual.

Muita das vezes esse incômodo por parte de professores, funcionários, direção e equipe pedagógica não fica restrito às demonstrações de afeto mas também com a forma de falar, andar, vestir, ou seja, todas as formas de ser e se expressar que a(o) educanda(o) homossexual demonstra é combatido por não acharem-lás corretas e dentro do “normal”, e quando a(o) educanda(o) demonstra ela pode ser levado para o psicólogo ou são chamados seus responsáveis, pois pensam que tais atitudes constrengem as pessoas heterossexuais e agindo assim tornam a convivência com os homossexuais mais palatável, constituindo assim uma violência homofóbica absurda.

#### **2.1.4 – A questão das mulheres**

Apesar de todos os avanços conquistados pelas mulheres, elas ainda sofrem muitas opressões em nossa sociedade: as mulheres são maioria nos cursos de nível superior no entanto, ganham menos que os homens; as mulheres são minoria em postos de comando; ainda existem preconceitos em relação a uma mulher estar ministrando aula de física ou química e muito preconceito nas representações dos livros e materiais didáticos. Os feminismos dão para o Brasil uma contribuição incomensurável para a cultura contemporânea, abalando as bases da hegemonia patriarcal na sociedade mas então como os efeitos dessa tamanha revolução não são sentidas na educação e no currículo?

Historicamente o pensamento educacional brasileiro sempre foi e é dominado pelos homens. O ensino infantil, fundamental e médio é predominantemente dominado por mulheres mas no âmbito da academia são os homens que dominam, ou seja, a educação acadêmica brasileira é historicamente machista e patriarcal. Tem de ser reconhecido que esse quadro ao longo do tempo se alterou bastante mas o Brasil ainda não adquiriu uma visão educacional que dê importância e inclua as imensas contribuições dos movimentos feministas para as teorias educacionais brasileiras.

Como se quer criar um Brasil sem machismo perpetuando tais práticas, assim eu aprendo com Gramsci que toda prática é embebida de subjetividade então como se pretende práticas emancipatórias na educação, que respeitem a diversidade de gênero, os direitos das mulheres e a igualdade racial se os profissionais docentes encarregados de mediar a relação entre o conhecimento e o educando foram formados por um currículo de cunho machista.

As situações que ocorrem na escola entre meninos e meninas, homens e mulheres, revelam possíveis opressões que acontecem através de gestos, movimentos e palavras. Essa dinâmica se torna tão natural que passa a constituir os jeitos de ser menina ou de ser menino, homem ou mulher, delimitando espaços e designando o comportamento ideal e esperado (SILVA & MENDES, 2015, p.92).

Olhando o conhecimento científico com este novo prisma, podemos verificar que a suposta propriedade da ciência de neutralidade é posta abaixo e denunciada como etnocêntrica. Ela retrata o homem branco, eurocêntrico, heterossexual. A mulher é atribuído a imagem de cuidadora, um ser que só “presta” para criar este homem através do processo de escolarização.

Assim, a educação feminina, durante longo tempo, tanto na escola como na família, foi normatizada e controlada pelos homens e de acordo com o que estes consideravam necessários. Para estes, o espaço público, a política, a gerência dos negócios; para as mulheres, o cuidado com a casa e os filhos, a economia doméstica. Ainda hoje essa imagética traz conseqüências nas relações entre os sexos, e que se traduzem pela subordinação feminina ao sexo masculino, numa escala social hierarquizada (DE ALMEIDA, 2000, p. 12).

Não é só a ciência que é falocêntrica mas também os outros ramos do saber historicamente construído e valorizado como: a história, artes, literatura são áreas do saber com predomínio masculino, e isso influencia as práticas curriculares e causa prejuízo a visão de homem em nossa sociedade. E essas práticas curriculares só servem para reafirmar a dominação dos homens sobre as mulheres.

## **2.2 – Superação da violência simbólica na escola**

A escola brasileira, em sua maioria, implementa um currículo tradicional que nega a diversidade com o intuito de homogeneizar as educandas e educandos, padronizando os aprendizes tomando como base o ideal colonizador. Esse conhecimento tradicional se coloca como um conhecimento universal que não pertence a ninguém como se tivesse “caído dos céus”, negasse o fato dele ter sido criado por pessoas vindas das classes dirigentes com propósitos de manter e ampliar a dominação destas classes, no entanto, os conhecimentos das classes dirigentes falam em nome de todos, enquanto os outros conhecimentos, os marginalizados, são bem frisados como sendo locais, particulares e que não refletem os quereres da maioria. No que diz respeito às diferentes origens regionais, uma pessoa que veio do norte é nortista, a que veio do nordeste é nordestino, a que veio do sul é sulista, mas as pessoas do sudeste não são chamadas de sudestinos. Isso acontece porque o sudeste se coloca como “a região” e como tal ela é superior a todas as outras. Desse modo sua dominação se perpetua pois naturaliza seu poder.

Isso se reflete na escola pois os saberes dos povos das demais regiões do país são considerados como sendo saberes locais, que só servem para aquela região, enquanto os do sudeste servem para todo o país, e essa visão é imposta pela escola o tipo de dialeto da língua portuguesa que se ensina na escola é o dialeto “sudestino” mas não o de qualquer parte do sudeste mas o dos grandes centros, os demais dialetos são os estigmatizados e taxados como errados.

E isso ocorre em outras áreas do saber como a filosofia. Para a escola tradicional o pensamento filosófico se originou na Grécia antiga, esse discurso afirma que antes da Grécia antiga não existia o pensar. As mais diferentes culturas pensavam sobre os fatos da vida muito antes do pensamento grego, não da forma que os gregos pensavam mais esses povos pensavam. A escola ignora as diferentes filosofias existentes, como a oriental e africana, privilegiando a filosofia europeia. Mas principalmente a escola prática uma segregação ao assumir um currículo que enaltece tudo que vem do norte e subalternizado o restante. Ela cria com essas práticas um “outro” que não se encaixa nos seus padrões.

A escola tem o dever de transmitir o conhecimento valorizado socialmente para as próximas gerações mas ela passa não só conhecimento, também passa valores e quais valores e conhecimentos ela passa? Os socialmente valorizados. E quais são esses valores e conhecimentos socialmente valorizados? Os eurocêtricos. A escola trabalha com a dicotomia emoção e razão seguindo o ideário iluminista, mas ela deveria trabalhar com as emoções dos jovens fazer com que eles criem afeição pelos conhecimentos trabalhados e para isso é necessário que as educandas e educandos se vejam nesses conteúdos e neles precisam estar presentes os conhecimentos dos povos originários, africanos, orientais, pessoas homossexuais, das mulheres nos currículos não só os conhecimentos mas seus costumes, valores, hábitos e significações.

A questão é saber: que tipo de educação o Brasil precisa desenvolver para sair da situação em que se encontra hoje? Uma educação que visa não somente o domínio das teorias e novas tecnologias, que, embora imprescindíveis, não seriam suficientes, mas também, sobretudo, uma educação cidadã orientada na busca da construção e da consolidação do exercício da cidadania, dos princípios de solidariedade e equidade. Tal educação convida para um olhar crítico sobre as questões relacionadas com a construção de nossas identidades individuais e coletivas, fazendo delas uma fonte de riqueza e de desenvolvimento individual e coletivo. Ora, a educação habitualmente dispensada aos nossos jovens, é enfocada geralmente numa visão eurocêntrica, que, além de ser monocultural, não respeita nossas diversidades de gêneros, sexos, religiões, classes sociais, “raças” e etnias, que contribuíram diferentemente para a construção do Brasil de hoje, que é um Brasil diverso em todos os sentidos (MUNANGA, 2010, p.46).

Nós do Cine Clube tentamos criar um espaço de diálogo de saberes, no qual é introduzido um currículo “outro” que foge do padrão hegemônico, no qual as educandas e educandos podem partilhar suas vivências e aflições, pois o cine clube foge da dicotomia emoção e razão nós podemos trabalhar com os dois de uma forma harmoniosa, conjugando a emoção com a razão e fazendo o aprendiz refletir sobre a realidade que o rodeia. Contudo o que a escola costuma fazer? Quando o aluno entra na escola, a escola lhe diz que ele não é ninguém, ele será alguém na vida se aprender o que ela ensina, ou seja, todo o conhecimento que o educando traz consigo é menosprezado e só o conhecimento das classes dirigentes é o que tem prestígio. Nos livros lhe é retratado os índios como pessoas que viviam peladas, como selvagens, com uma arte muito primitiva, sem escrita e que não gostavam de trabalhar. Os livros se referem aos negros somente para falar da escravidão na época colonial, na república só fala deles no povoamento das favelas não fala das contribuições do povo negro para a

república. Contudo o povo que mais possui destaque no currículo escolar é o europeu. Os europeus são apresentados como sendo a civilização que alcançou o topo do desenvolvimento, um povo racional, moderno, civilizado, com arte e escrita muito aprimoradas.

O currículo escolar mostra que o europeu está no topo da cadeia civilizatória da humanidade enquanto os demais povos estão abaixo. Sendo assim ele cria no imaginário coletivo a ideia de um outro colonial na qual tudo de bom está no colonizador e tudo de ruim no colonizado. Uma das características do Cine Clube é a de criar uma atmosfera de reconhecimento da cultura dos diferentes entes que formam a escola. Um currículo como o que a escola prática é excludente e deixa de fora justamente os indivíduos que, na sua maioria, irão usufruir dela as pessoas vindas das classes minoritárias. Ao invés disso a escola deve pensar um currículo que está constantemente sendo repensado tentando sempre incluir mais e mais suas educandas e educandos.

Assim sendo a escola deve ter a pura clareza de que indivíduos quer formar? Qual é a finalidade da instrução dada se é para a economia (notadamente capitalista) ou para a democracia. O papel da escola é o de preparar para a vida em sociedade? Ora nossa sociedade possui uma variedade étnica e cultural imensa, então se a escola insistir em permanecer a reproduzir apenas a cultura da etnia branca, seus alunos não estarão aptos a vida em sociedade sendo pessoas altamente preconceituosas e intolerantes.

Uma escola voltada para o mercado, para formar pessoa que estão ali só para serem aprovadas em exames de admissão, que passa a ideia de que o novo é o melhor e temos que sempre olhar para o futuro e esquecer o passado. Que não deixa as classes marginalizadas contarem sua própria história, formará cidadãos assim. Todavia uma escola com um compromisso com a democracia visa uma formação holística para suas educandas e educandos. Uma escola que desconstrói progressivamente os modelos eurocêntricos e os conteúdos trabalhados se comunicam com o cotidiano das educandas e educandos, as questões referentes ao gênero, relações raciais, estão sempre em pauta, trabalha os saberes escolarizados em conjunto com os locais, o resultado disso são alunos que consideram a escola relevante para suas vidas e professores estimulados. Uma escola voltada para a democracia ensina os alunos e alunas vindos das classes

dominadas que elas e eles possuem voz e devem utilizar essa voz para denunciar suas mazelas. Defendo aqui uma escola que educa para os direitos humanos mas numa:

concepção de direitos humanos que engloba a liberdade e a igualdade de direitos para todos, não só no campo político, mas, também, no campo das conquistas sociais produzidas pelo homem, de forma a possibilitar o exercício da cidadania democrática (SILVA, A. M. M. , 2000, p. 35).

Educar para a cidadania é romper com a cultura de hierarquização dos sujeitos tão presente nas relações sociais, principalmente no binómios: homem X mulher, homossexual X heterossexual, branco X negro, adulto X adolescente, e muitos outros e criar uma nova cultura pautada no consenso de que todo indivíduo possui direitos e deveres, é proporcionar o acesso aos saberes a todas e todos sejam eles escolarizados ou não, é preparar as educandas e educandos para o mundo do trabalho e para a vida.

Nessa perspectiva de direitos humanos que Aida Maria Monteiro Silva diz que os direitos humanos são direitos básicos para que um indivíduo alcance uma “*vida digna*” (2000, p. 36), nesse concepção de direitos humanos está incluso o direito de igualdade de acesso a posições socialmente prestigiadas, coisa que a escola não proporciona pois ela considera melhor a cultura da classe dominante do que as culturas marginais assim ela exclui os alunos e alunas oriundos das classes dominadas que estão dentro dela pois eles e elas serão provados se dominam ou não o código da cultura dominante e se não dominarem sairão da escola. Portanto as pessoas não possuem igualdade de condição de alcançar lugares de prestígio e a escola falha em transmitir seu conteúdo pois não consegue dialogar com os saberes discentes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto Cine Clube desempenha um grande papel dentro do Colégio do Centro, o de ser um espaço onde as educandas e educandos são atores da sua realidade, através dos debates proporcionados pelo cine as educandas e educandos têm a oportunidade de (re)criar suas identidades, assim podem se ver nessas identidades pois foram elas e eles que as criaram, diferente da identidade tradicional que elas e eles já trazem de casa e o Colégio do Centro sem proporcionar uma crítica a essas estereótipos

acaba fortalecendo, esteriótipos estes que afirmam as alunas e alunos como incapazes pois são “alunos” ou seja, sem luz.

O projeto é um espaço de resistência onde as educandas e educandos podem trazer suas demandas e dialogar. Dizer seus saberes e conhecimentos e expô-los sem medo de represálias pelo contrário, terão seus conhecimentos e saberes respeitados e valorizados assim o cine clube se mostra um espaço de afirmação cultural não deixando que os saberes e conhecimentos marginalizados se percam e caiam no esquecimento se apresentando como um interlocutor entre a escola e a universidade para que ambas dialoguem. Dito isso, o cine clube se constitui como um local de troca de conhecimentos com os discentes. Nas sessões com essas trocas conseguimos criar novos saberes com as educandas e educandos saberes esses essenciais para a vida em sociedade. Essas discussões transformam as educandas e educandos porque as(os) mesmas(os) interiorizam esses conhecimentos novos criados por elas e eles os quais não poderão ser alienados delas(es) nunca. Esses novos conhecimentos se unem a subjetividade das educandas e educandos e os tornam pessoas diferentes de quando iniciaram a sessão preparando-os assim para a cidadania.

Assim o projeto Cine Clube deixa sua marca criando uma verdadeira revolução cultural dentro do Colégio do Centro propiciando as educandas e educandos um espaço de formação outro que não necessita de sala de aulas mas de pessoas, esse é nossa ferramenta principal, pessoas interessadas em ressignificar conhecimentos antigos e construir novos, pessoas que ao meu ver serão capazes de enfrentar os desafios impostos a elas e eles num Brasil pós-golpe que está regredindo cada dia mais, tirando direitos sociais conquistados a muitas décadas pela classe trabalhadora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZIBEIRO, Nadir Esperança; FLEURI, Reinaldo Matias. Paradigmas culturais emergentes na educação popular. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Diálogos cotidianos**. Petrópolis: DP e Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010. p. 276-296.

BATISTA, Eraldo Leme. “O Instituto de Organização Racional do Trabalho – IDORT, como instituição educacional nas décadas de 1930 e 1940 no Brasil”. In: **ANAIS da XI Jornada do HISTEDBR**. Cascavel, PR: UNIOESTE, de 23 a 25 de outubro de 2013a.

BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade sexual na escola**. Rio de Janeiro: Pró-reitoria de extensão/UFRJ, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, DF: MEC/SEB, 1998.

CANDAU, Vera Maria. A diferença na universidade ainda é mais um esbarrão do que um encontro. In: GARCIA, R.L. & ZACCUR, E. **Cotidiano e diferentes saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 37, 2008, p. 45-56,

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. p. 80-86.

DE ALMEIDA, Jane Soares. **As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania**. Brasília: Revista brasileira de estudos pedagógicos, v. 81, n. 197, p. 5-13, jan./abr. 2000.

DIÁRIO DE BORDO. **Fatos vivenciados por mim numa determinada escola onde o Cine clube se insere (mimeo)**, 2016

FETZNER, Andréa Rosana; SOUZA, Maria Elena Viana. **Concepções de conhecimento escolar: potencialidades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Educação e Pesquisa, v. 38, n. 03, 2012, p. 683-694.

FLEURI, Reinaldo. **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro:DP&A, 2003.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do oprimido**. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

\_\_\_\_\_. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e anti-racismo na Educação: repensando nossa escola**.- São Paulo: Summus, 2001. p.83-96.

GONÇALVES, Antonio Sérgio. Reflexões sobre educação integral e escola de tempo integral. **Cadernos Cenpec| Nova série**, v. 1, n. 2, 2006.

GUARÁ, Isa Maria F. Rosa. É imprescindível educar integralmente. **Cadernos Cenpec| Nova Série**, v. 1, n. 2, 2006.

JACOBI, Pedro. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de pesquisa, v. 118, n. 3, 2003, p. 189-205.

MARÍN, José. Dimensão histórica da perspectiva intercultural, educação, Estado e sociedade. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Diálogos cotidianos**. Petrópolis: DP e Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010. p. 313-330.

MIRANDA, Claudia & CAVALCANTI, Elizabeth C. **Mediações didáticas interculturais, pluriversidade e formação docente em uma escola de ensino médio no Rio de Janeiro**. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.

MIRANDA, Claudia. **Transposição didática e construção de conhecimento para o ensino-aprendizagem de história e cultura afrobrasileiras: Justiça curricular a partir da lei 11645**. In: XV ENDIPE, BELO HORIZONTE: UFMG, 2010.

MIRANDA, Claudia; DE SOUZA, Rogério José. **Continuísmos e rupturas na seleção de saberes escolares de História (s): entre um Brasil Colonial e um Brasil Decolonial. Relações étnicorraciais na escola: desafios teóricos e práticas pedagógicas após a Lei 10.639**. 2011, p. 14-27.

MUNANGA, Kabengele. **Educação e diversidade cultural**. Rio de Janeiro Cadernos PENESB, v. 10, p. 37-54, 2010.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão escolar, democracia e qualidade de ensino**. São Paulo: Ática, 2007.

RELATÓRIO PIBID/SUBPROJETO ENSINO MÉDIO – Pedagogia. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES**. 2013. p.30.

RODRIGUES, Tatiane Consentino. Movimento negro e o direito à diferença. In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs). **Educação como prática da diferença**. - Campinas, São Paulo: Armazém do Ipê, 2006. p. 105-122.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; BOMURA MACIEL, Lizete Shizue. **O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões**. Curitiba: Educar em revista, Editora UFPR n. 31, p. 169-189, 2008.

SILVA, Aínda Maria Monteiro. Escola Pública e a Formação da Cidadania: possibilidades e limites. **Universidade de São Paulo: Faculdade de Educação**, 2000.

SILVA, Mavi Consuelo; MENDES, Olenir Maria. **As marcas do machismo no cotidiano escolar**. **Caderno Espaço Feminino: Uberlândia-MG** - v. 28, n. 1 – Jan./Jun. 2015, p. 90-99.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

\_\_\_\_\_. **Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna**. Rio Grande do Sul: Educação, Sociologia & Culturais, nº3, 1995, p. 125-142.

TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. O pensamento contemporâneo e o enfrentamento da crise ambiental: uma análise desde a psicologia social. In: CARVALHO, Isabel Cristina Moura de; GRÜN, Mauro e TRAJBER, Rachel. **Pensar o ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, v.26, 2009. p. 221-233.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Curso de Pedagogia Presencial/Reforma Curricular – 2008/1**. Rio de Janeiro. 2008. p.51.

VARGENS, Dayala Paiva de Medeiros & FREITAS, Luciana Maria Almeida de. **Pluralidade cultural nos parâmetros curriculares nacionais**. PELOTAS: Linguagem & Ensino, v.12, n.2, p.373-391, jul./dez. 2009.